

# PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 1815 - 1CA

Estética I

Período: 2021.1

Carga Horária Total: 60 horas

Créditos: 4

Horário: 2ª e 4ª  
9h-11h

Prof.: Rafael Zacca

<b>OBJETIVOS</b>	<p>a. Apresentação de conceitos básicos da história da Estética diante de questões da arte moderna e contemporânea;</p> <p>b. Atualização de questões primordiais da reflexão estética para a arte contemporânea;</p> <p>c. Discussão do problema da historicidade da percepção humana e por extensão da estética como “filosofia da arte”.</p>
<b>EMENTA</b>	<p>Segundo Terry Eagleton, a Estética, como disciplina autônoma da filosofia, surge como um discurso do corpo. Ela deriva, justamente, da palavra grega <i>aisthesis</i>, e se refere ao estudo das sensações corporais. Ao longo da história da disciplina, ela passa a se referir também ao estudo das obras de arte, e do modo como podemos percebê-las. Essa duplicidade do termo levou filósofos e filósofas, no século XX, a pensar as relações entre arte, corpo, percepção e pensamento de maneira conjunta.</p> <p>Em 1935, após a ascensão do regime nazista na Alemanha e poucos anos antes do início da Segunda Guerra Mundial europeia, Walter Benjamin sugeriu que a autoalienação dos seres humanos na modernidade capitalista alcançara tal grau de intensidade, que agora a humanidade poderia contemplar a sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. Em 1992, Susan Buck-Morss publicou um ensaio em que propunha uma leitura dessa tese de Walter Benjamin à luz do conceito de “anestesia”. A filósofa tentava compreender como os sujeitos da modernidade puderam conjugar uma inundação dos sentidos com a hiperestimulação da tecnologia e o empobrecimento da percepção nessas mesmas condições sociais.</p> <p>Do ponto de vista de Benjamin, a crise estética, isto é, da percepção, coincide com uma crise política: a autoalienação prepara a humanidade para o abate de si mesma, enquanto pode assistir ao espetáculo com prazer desinteressado. Do ponto de vista de Buck-Morss, a crise estética é também erótica, isto é, da capacidade de amar e desejar.</p> <p>Neste curso, perseguiremos o nexos entre estética, política e erótica na modernidade, para compreender como, em nossa época, o pensamento sobre os corpos blindados e anestesiados, por um lado, e os abertos e vulneráveis, por outro, permitem a diferentes filósofos articularem história da arte e experiência humana em torno daquilo que Jacques Rancière denominou “partilha do sensível”.</p>

<b>PROGRAMA</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Estética: filosofia da arte ou ciência da percepção?</li> <li>2. Fim da arte</li> <li>3. As transformações da experiência</li> <li>4. Desorientação do sujeito: O surgimento do romance; A transformação da poesia; A novela policial</li> <li>5. O fim da pintura? A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica: fotografia e cinema</li> <li>6. A formação histórica da sensibilidade</li> <li>7. Perda da aura: a arte ao rés do chão</li> <li>8. Mímesis revisitada</li> <li>9. Auto-alienação e guerra</li> <li>10. Anestesia e autodestruição</li> <li>11. Reeducação estética</li> <li>12. A partilha do sensível</li> </ol>
<b>AValiação</b>	Categoria III
<b>BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL</b>	<p>ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. <b>Dialética do esclarecimento</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985</p> <p>AGAMBEN, Giorgio. “O que é o contemporâneo”. IN: <b>O que é o contemporâneo e outros ensaios</b>. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.</p> <p>BAUDELAIRE, Charles. “A perda da auréola.” Trad. Aurélio Buarque de Hollanda. IN: <b>Poesia e Prosa</b>. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.</p> <p>BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. Trad. M. Lisboa. IN: <b>Benjamin e a obra de arte</b>. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p> <p>_____. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. IN: <b>Obras Escolhidas Vol. III</b>. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestésica: o ensaio sobre a obra de arte de Walter Benjamin.” Trad. Rafael Lopes Azize. <i>Travessia: revista de literatura</i>, nº 33.</p> <p>CHKLOVSKY, Victor. “A arte como procedimento.” In: TOLEDO, Dionísio O. <b>Teoria da Literatura: formalistas russos</b>. Trad. Ana Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973.</p> <p>CRARY, Jonathan. <b>Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX</b>. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p> <p>DANTO, Arthur. <b>O descredenciamento filosófico da arte</b>. Trad. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.</p> <p>_____. <b>O que é arte</b>. Belo Horizonte: Relicário edições, 2020.</p> <p>DEBORD, Gui. <b>A sociedade do espetáculo</b>. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.</p> <p>DIDI-HUBERMAN, Georges. <b>A sobrevivência dos vagalumes</b>. Trad. Vera Casa Nova e Márcia. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.</p> <p>EAGLETON, Terry. <b>A ideologia da estética</b>. Tradução de Mauro Sá. Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.</p> <p>FREUD, Sigmund. <b>Obras completas</b> (Cia das Letras). São Paulo. Vols. 12 e 15.</p> <p>HEGEL, G. W. F. “Introdução”. IN: <b>Cursos de Estética. Vol. 1</b>. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2001.</p> <p>RANCIÈRE, Jacques. <b>A partilha do sensível</b>. Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Exo Experimental; Editora 34, 2009.</p> <p>_____. “Paradoxos da arte política”. IN: <i>O espectador emancipado</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2012.</p> <p>SÜSSEKIND, Pedro. <b>Teoria do fim da arte</b>. Rio de Janeiro: 7letras, 2017.</p>